

## Um aspecto da evolução fonética na família Tupí-Guaraní

Aryon Dall'Igna Rodrigues

O presente estudo constitui parte de um trabalho em elaboração, a respeito das diferenças fonéticas existentes entre os dois maiores ramos da *família linguística Tupí-Guaraní*: o *ramo Tupí* e o *ramo Guaraní*.

Como os estudos tupinológicos ainda não se firmaram definitivamente e como poucos têm sido os realizados neste setor da Glotologia, estudos esses que, em grande parte e, senão algumas exceções, na sua melhor parte, têm sido feitos fora do Brasil e são aqui mal conhecidos, faz-se mister que se explique aqui, antes de tudo, a nomenclatura usada neste estudo.

*Família Tupí-Guaraní* é a família linguística n.º LXV (*tupy-guarany*) da classificação de Paul Rivet, uma das maiores da América do Sul e aquela a que pertenciam as primeiras tribos encontradas pelos europeus no litoral brasileiro. Tal família compreende todos os dialetos (ou línguas: entre dialeto e língua, na Glotologia, não há distinção) provenientes duma língua pré-histórica, o *Proto-Tupí-Guaraní*.

O *Proto-Tupí-Guaraní* ou *Tupí-Guaraní comum* é a língua que falava um tronco tribal que, vários séculos antes da chegada de Colombo ao continente americano, estava estabelecido na região que fica entre os rios Paraná e Paraguai; é “um estado linguístico homogêneo ou mais ou menos tal; é a primeira estratificação, a qual comporta particularidades linguísticas entrevistadas antes da época histórica, i. é, antes dos fracionamentos dialetais”, na definição do ilustrado linguista patricio Prof. Mansur Guérios, que é o introdutor dos nomes *Proto-Tupí-Guaraní*, *Proto-Tupí* e *Proto-Guaraní*, ou *Tupí-Guaraní comum*, etc., na glotologia americana<sup>1</sup>.

Com o correr dos tempos, foi-se fracionando o primitivo tronco tribal e, do mesmo modo, a língua, o *Proto-Tupí-Guaraní*. Dos vários ramos em que

---

1. Rosário Farani Mansur Guérios, *Novos Rumos da Tupinologia*, Curitiba, 1935. págs. 3 e 4.

se partiu o *Proto-Tupí-Guaraní* os principais foram o *Proto-Tupí* e o *Proto-Guaraní*.

O *Proto-Guaraní* ou *Guaraní comum* é a língua que ficou sendo falada nas regiões paraguaias e pelas tribos que se espalharam daí para o oriente, pelo sul do trópico de Capricórnio, até à costa atlântica. O *Proto-Tupí* ou *Tupí comum* é a língua que ficou sendo falada pelos índios que se afastaram mais da sua sede primitiva, estendendo-se pelo litoral, ao norte do trópico. Ambas as línguas apresentaram-se, em estado mais ou menos unitário, homogêneo, somente em época pré-colombiana. Fracionaram-se também, à sua vez.

Quando os europeus desembarcaram na costa brasileira, as tribos *Tupí-Guaraní* que eles encontraram comportavam dois conjuntos de dialetos: um, ao norte da linha tropical, proveniente do *Proto-Tupí*, outro, ao sul daquela linha, descendente do *Proto-Guaraní*. A esses dois conjuntos dialetais chamar-se-á aqui *ramo Tupí* e *ramo Guaraní* ou simplesmente *Tupí* e *Guaraní*, respectivamente. Não resta dúvida que houve e há outros ramos do antigo *Proto-Tupí-Guaraní*; só destes dois, porém, tratar-se-á aqui.

Considerando-se agora, por sua vez, os ramos *Tupí* e *Guaraní*, tem-se de reconhecer, ainda, mais uma divisão em cada um: o *Tupí antigo* e o *Tupí moderno*, por um lado, e o *Guaraní antigo* e o *Guaraní moderno*, por outro lado. O *Tupí moderno* – conjunto de dialetos *Tupís hodiernos* – tem o nome especial de *Nheengatú* e as tribos que o falam habitam a Amazônia; o *Guaraní moderno* – conjunto de dialetos *Guaranís hodiernos* – é chamado *Avanheém*, sendo falado no Sul do Brasil e Paraguai, principalmente.

Ao se assinalarem as diferenças fonéticas existentes entre os ramos *Tupí* e *Guaraní*, sempre tem sido frisada a contraposição dos vocábulos *paroxítonos* Tupí a vocábulos *oxítonos* Guaraní, desprovidos estes da última sílaba átona apresentada por aqueles. Os vocábulos dos dialetos do *Proto-Tupí*, nos séculos XVI e XVII, *dialetos Tupí antigos*, pois, e, certamente, o próprio *Proto-Tupí*, entretanto, não eram verdadeiramente *paroxítonos*: eram vocábulos *oxítonos*, cuja sílaba final constituía-se de (consoante) + vogal + consoante, e que se tornavam, na frase, *paroxítonos*, pela afixação de partículas (ou índices) vocálicas, monossilábicas e átonas, à consoante final, como, p. ex.: *potár*: *potári*, *poráng*: *poránga*, *piním*: *piníma*, *küsáb*: *küsábã*, *úbi*: *úbã*, *páb*: *pábi*: *pábã*, *úri*: *úra*, etc.

Examinando-se atentamente os vocabulários “brasílicos” de então, verifica-se que todos eles apresentam essas formas, quando não puramente terminadas em consoante (-r, -m, -n, -k, -b, -ng)<sup>2</sup>, acrescidas das partículas vocálicas (-ã, -ĩ): – Padre Anchieta (1595): *aiûr*, *acêm*, *apên*, *acepiác* (= *asepiák*), *apáb*, *aiopotâr*, *aimeêng*, *ôca*, *ánga*, etc.; Padre Luís Figueira (1620): *ajúr*, *túba* e *túb*, *tinga*, *oca*, *tenycem*, *aixubán* e *ixubána*, *angaturáma* e *xeangaturám*, etc.; Jean

de Léry (1557): *répiac* (*repiák*), *a-aub* (= *a'ób*), *yetic*, *se tam* (= *setám*), *auc* (= *ók*), *chè-encg* (= *xe'áng*), etc.<sup>3</sup>.

Na obra do Padre Antônio Ruiz de Montoya (1640)<sup>4</sup>, que apresenta o *Guaraní antigo*, esses vocábulos, quando isolados, apresentam-se sem a consoante final e, por conseguinte, oxítonos; quando em composição, diante de vogais, deixam aparecer a consoante final, tanto que o Padre Montoya, para distinguir esses vocábulos que terminam verdadeiramente em vogal tônica, conveniou escrever a consoante final separada da vogal tônica por um ponto, como, p. ex.: *yû.r*, *tu.b*, *mĕ.n*, *oquĕ.n* e *cheróquĕnã*, *cã.m*, *mĩmbí.g*, *mandióg* e *mandió* (*apecûe*), *panĕ* (: *panĕmi*), etc. Já no *Guaraní de Montoya* percebe-se claramente a ausência frequente do índice *-a*, portando-se, pois, esses vocábulos semelhantemente aos que terminam verdadeiramente em vogal, os quais nunca levavam tal índice.

Os mesmos vocábulos, ainda, nos dialetos *Guaraní hodiernos*, não mais apresentam vestígios da consoante final<sup>5</sup>, sendo definitivamente oxítonos (ou monossílabos tônicos) terminados por vogal: *yu*, *ru*, *okĕ*, *mandi'ó*, *peté*, etc.<sup>6</sup>. Ao mesmo tempo, os dialetos *Tupí hodiernos* (*Nheengatú*) conservam ainda bem nítidas as formas paroxítonas, mais ainda do que os dialetos *Tupí antigos*<sup>7</sup>: *okéna*, *óca*, *ména*, *anãma*, *iauára*, *maniáca* (“mandioca”), *putíra*, *putári*, *cĕmo*, *amãna*, etc.<sup>8</sup>.

A única conclusão que se pode tirar desses fatos é, sem dúvida, que o *Proto-Tupí-Guaraní* possuía esses vocábulos terminados por consoante, i. é, *\*mén*, *\*ók*, *\*úb*, *\*sém*, *\*páb*, *\*potár*, *\*áng*, *\*kám*, etc. Daí estabelecer-se-ão as seguintes leis fonéticas, na evolução do *Proto-Tupí-Guaraní* para o *Proto-Guaraní* e dialetos *Guaraní modernos* (*Avanheém*) e para o *Proto-Tupí* e dialetos *Tupí modernos* (*Nheengatú*): –1º) as consoantes finais de sílabas tônicas

2. Seg. Anchieta (*Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, ed. de 1933, p.8 v.) e Figueira (*Arte de Gramática da Língua Brasileira*, ed. de 1880, p. 101), às vezes, permutam-se o *-r* por *-t*; segundo se vê em Anchieta, também *-b* por *-p* (V. nota 3). No tipo de vocábulos em questão também se enquadram os terminados pela semiconsoante *-y*.

3. É interessante observar que Léry raramente registra formas findadas em *-r*, apresentando sempre *-t*, do mesmo modo que apresenta *-p* no lugar de *-b*.

4. Padre Antônio Ruiz de Montoya, *Gramática y Diccionarios (Arte, Vocabulario y Tesoro de la Lengua Tupí ó Guaraní*, ed. de 1876, passim.

5. Nos que findavam em *-m*, *-n*, *-ng*, restou a nasalização da vogal ora final, que precedia essas consoantes; há palavras, entretanto, que já perderam essa nasalização, em alguns dialetos. Alguns vocábulos monossilábicos, apenas, conservaram a consoante final: *t-er-a*, *ang-a*, *men-a*, *kam-a*, etc.; não mais se lhes separa, porém, o antigo índice *-a*.

6. Antonio Ortiz Mayans, *Breve Diccionario Guaraní-Castellano Castellano-Guaraní*, Bs. Aires, 1941.

(de vocábulos oxítonos) Proto-Tupí-Guaraní conservaram-se no Proto-Tupí; 2º) as consoantes finais de sílabas tônicas (de vocábulos oxítonos) Proto-Tupí tornaram-se mediais nos dialetos Tupí modernos (Nheengatú), pelo desenvolvimento ou acréscimo de uma vogal breve (-ă, -ĕ, -ĭ); 3º) as consoantes finais de sílabas tônicas (de vocábulos oxítonos) Proto-Tupí-Guaraní desapareceram nos dialetos Guarani modernos (Avanheém); esta última lei, no século XVII (quando foi registrado o Guarani por Montoya), estava em pleno dinamismo, motivo por que se depara na obra do Padre Montoya o emprego mais ou menos arbitrário das formas com consoante final e sem consoante final. Esta fase evolutiva dos fonemas consoantes finais do Proto-Tupí-Guaraní no século XVII, pode, mais ou menos exatamente, ser comparada com a que se tem caracterizado no nosso português atual, aqui no Brasil (entre as populações das cidades), quando as mesmas pessoas pronunciam, ora *fazer*, ora *fazê*; ora *andar*, ora *andá*; ora *fugir*, ora *fugí*; ora *vamos*, ora *vamo*, etc. No português, entretanto, há um fator que procura reter o desenvolvimento do fenômeno, segundo a tendência inata dos indivíduos falantes: é o ensino da língua literária, que pretende uma fixidade máxima. Este fator, evidentemente, jamais poderia existir na língua indígena, e as exceções à lei fonética que se percebem nos atuais dialetos Guarani são devidas a outra ou outras leis concorrentes.

---

7. No *Nheengatú*, o índice -ă perdeu o seu valor semântico e, simultaneamente, o afixal, passando a constituir parte inseparável dos vocábulos que o recebiam; por outro lado, a analogia e, ainda mais, a tendência manifesta pelas populações que falam o Nheengatú de facilitar a pronúncia, acrescentando após as consoantes finais uma vogal (-ă, -ĕ, -ĭ), também têm contribuído muito para a extensão do número de vocábulos paroxítonos nos dialetos Nheengatú. A respeito, note-se o que diz Couto de Magalhães, à pág. 2 do seu *Curso de Língua Tupí Viva ou Nheengatu*: “Quando o nome parece terminar em consoante, essa consoante é sempre seguida de um *a*, *e*, *i*, *o* breves; a palavra *casar* alguns escrevem *menar*; eu, porém, escrevo *menara*, porque é assim que eles pronunciam, embora o último *a* seja quase imperceptível”.

8. Gal. Couto de Magalhães, *Curso de Língua Tupí Viva ou Nheengatu*, in *O Selvagem*, do mesmo autor, 4ª ed., 1940, passim.